

Mulher e Violência numa Perspectiva Fenomenológica-existencial

*Woman and violence in a
phenomenology-existential
perspective*

Rubia da Silva, Ana Carolina Esquincalha Frizzi

Resumo

Ao examinar os trabalhos que tratam da violência contra a mulher, percebe-se que há certa limitação ao se olhar para tal fenômeno, uma vez que, em muitos dos casos, acaba ocorrendo um silenciamento da mulher, no sentido de não ser ela quem fala, mas sim, um discurso pronto e delimitado que categoriza o fenômeno da violência de forma sumária sob os moldes repisados do universo técnico e jurídico. Esse trabalho nasceu visando buscar, a partir das entrevistas, as narrativas de mulheres que experimentaram a violência doméstica, os sentidos próprios que estão em jogo em cada caso, buscando assim, dar traços mais humanos ao fenômeno. Para isso, o trabalho partiu de uma pesquisa descritiva e fenomenológica, levando em conta como a violência dirigida à mulher já foi vista e se mostrou no horizonte histórico, desde sua naturalização até os movimentos sociais crescentes que lutam para desnaturalização dessa realidade de sofrimento.

Palavras-chave

Mulher, fenomenologia-existencial, violência contra a mulher.

Abstract

When examining the papers that deal with violence against women, it is clear that there is a certain limitation when looking at this phenomenon. The women is silenced, in the sense of not to be the one who speaks, but rather, a ready-made and delimited discourse that categorizes the phenomenon of violence in a summarized way under the repeated mold soft technical and legal universe. This paper is born aiming to search, from the interviews, the narratives of women who experienced violence, the proper senses that are at play in each case, thus seeking to give more human features to the phenomenon. The paper will address the theme from a descriptive and phenomenological research, taking into account how violence directed at women has already been seen and shown in the historical horizon, from its naturalization to the growing social movements that fight for the denaturalization of this reality of suffering.

Keywords

Woman, existential-phenomenology, violence against women.

Rubia da Silva

**Centro Universitário
Católico Salesiano Auxilium**

Psicóloga fenomenóloga graduada pelo Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium. Realiza especialização em Psicologia Fenomenológica e Hermenêutica pelo Instituto Dasein.

rubia-s@hotmail.com

Ana Carolina Esquincalha Frizzi

**Centro Universitário
Católico Salesiano Auxilium**

Psicóloga graduada pelo Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium. Pós-graduanda em Psicologia em Saúde e Psicopatologia Fenomenológica pelo NUCAFE - Núcleo de Clínica Ampliada Fenomenológica Existencial.

anacarlinaesquincalha@hotmail.com

Introdução

Segundo dados encontrados no Mapa da violência contra a mulher (MARQUES; SANTOS, 2018), 68.811 mulheres vivenciaram algum tipo de violência, números estes que evidenciam uma alarmante realidade, que infelizmente não é reflexo apenas dos dias atuais, mas sim, uma grande sombra que paira sobre a história da humanidade. A história da violência contra a mulher passa por um processo de sedimentação histórica que acaba por naturalizar este fenômeno, daí a importância de falar sobre o tema de maneira a olhar para as características de um pensamento estrutural instalado e vigente nos mais diversos meios e regimes sociais que acabam impessoalizando o ser mulher num emaranhado de sentidos prévios, tendo como ponto de partida uma generalização da historicidade da mulher (BEAUVOIR, 2009).

Propomo-nos a realizar uma análise do sentido do que é mostrado por meio da narrativa de mulheres que experienciaram este tipo de violência. Partindo deste lugar, estamos primando pela compreensão do que se diz e se mostra através do verbo, da fala de quem viveu a violência, de maneira a expandir os horizontes compreensivos por meio da experiência, não os enredando a um saber científico sem rosto, nome, sobrenome, dor ou sofrimento.

Atravessadas por isso, a nossa inquietação surge da seguinte pergunta: “Quais os sentidos que emergem na narrativa de mulheres que vivenciaram a violência? ”. Para que este espaço de compreensão seja possível, escolhemos entrevistar mulheres em caráter voluntário, durante o período estipulado para a pesquisa, em uma cidade no interior do estado de São Paulo. Olhando para a construção deste trabalho, nota-se que ele parte de um lugar onde há conceitos e pré-conceitos que envolvem a mulher historicamente constituída.

A Mulher e a Fenomenologia-existencial

Para a fenomenologia-existencial, a essência do ser reside em sua própria existência enquanto ser-no-mundo, conceito este criado por Heidegger (2012) para caracterizar e diferenciar a existência humana. Ser-no-mundo, portanto, diz respeito ao caráter atribuído pelo pensador alemão a nós humanos, tendo sua nomenclatura fundada, originalmente na língua alemã, sob a alcunha de Dasein.

Ao ser lançado, o Dasein existe sem que haja qualquer possibilidade de escolha, apenas nasce e tem que ser em seu existir e, desta forma, habita o mundo de determinados modos durante a vida. Frente a isso, o ser-no-mundo se constitui mediante o modo de se relacionar consigo, com os outros e com as coisas a sua volta, dando lugar aos modos-de-ser-cotidianos, os quais de início e na maioria das vezes mergulham o ser na impessoalidade (HEIDEGGER, 2012).

Assim, quando a mulher existe se depara com o caráter não determinado do ser, onde não há essência, uma vez que seu existir se dá e se constrói à medida que o ser existe, ou seja, o ser só é sendo. O mundo que habitamos enquanto ser-aí é repleto de uma trama de significados que serão tecidos no momento em que as relações se dão no mundo, denotando a historicidade do ser, fundamento básico da existência, onde o tempo que se fala é do cotidiano, o tempo vivido, não o tempo concreto (HEIDEGGER, 2012).

O Caminho Metodológico

Trata-se de uma pesquisa qualitativa descritiva. Este espaço foi criado mediante o nosso desejo em desenvolver um projeto de pesquisa que olhe com cuidado para o fenômeno da violência contra a mulher, de forma menos estigmatizada e mais ampliada, tendo em vista que há diversos acervos científicos que propõem tratar do tema, porém, percebe-se um vasto número de pesquisas que chegam a conclusões, por vezes, impessoais e fragmentadas sobre os atravessamentos da violência nos modos-de-ser da mulher violentada. Diante deste lugar, encontramos na fenomenologia-existencial, sob a inspiração de Critelli (2007) que desenvolve sua análise a partir da fenomenologia heideggeriana e do filósofo Martin Heidegger (2012), a possibilidade de dar lugar às narrativas das mulheres entrevistadas de modo a não generalizar suas histórias, capturando os significados presentes em suas falas, acompanhado de compreensão:

A compreensão seria uma ação mais pertinente ao experienciar, pois ela conseguiria abarcar diversas dimensões presentes numa situação, inclusive as não-verbais, que se encontram de modo tácito. Assim, “compreender” refere-se a “oferecer guarida” para que um fenômeno se desvele [...] (NUNES, 2015, p. 13).

Buscando relacionar-se com esta questão, foi realizada uma entrevista com três voluntárias de uma cidade do interior de São Paulo, que se dispuseram a contar sua experiência por meio do seguinte questionamento: conte-nos como foi experienciar uma situação de violência. Com essa solicitação, procurou-se proporcionar que as entrevistadas analisassem suas próprias vivências e as contassem da maneira que quisessem, entrelaçando suas narrativas com o tema da pesquisa, trazendo, então a “entrevista de explicitação”, metodologia fenomenológica proposta pelo psicólogo francês Pierre Vermersch, ressaltando o caráter ativo das participantes e das entrevistadoras (SOUZA, LEAL, SÁ, 2010, p. 07), não dirigindo a entrevista a partir dos olhares das entrevistadas e sim favorecendo um ambiente de possibilidades, não havendo ensaios, onde o encontro acontece no momento em que este se inicia (CRITELLI, 2007).

Os encontros com as entrevistadas se concretizaram após a divulgação do estudo feita por meio de cartazes que foram postos em unidades básicas de saúde. Houve também, um diálogo entre a coordenação do Centro de Referência de Atendimento à Mulher (CRAM) a fim de esclarecer os objetivos do estudo, o que facilitou o andamento da pesquisa, uma vez que a instituição nos levou ao primeiro contato com duas das três entrevistadas, que foi realizado por meio de mensagens de texto no aplicativo de conversas WhatsApp. Após o projeto da pesquisa ter sido aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), iniciou-se o processo das entrevistas de maneira presencial, na clínica de psicologia do Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium, com duração de aproximadamente uma hora e trinta minutos cada, nos horários que foram mais convenientes para as participantes, seguindo os protocolos de segurança recomendados pela Organização Mundial de Saúde (OMS) para a não propagação do COVID-19, sendo eles: distanciamento social, uso de máscaras e disponibilização de álcool em gel.

O projeto de pesquisa atendeu a Resolução 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde. Este trabalho foi submetido na Plataforma Brasil do Ministério da Saúde, sendo aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) do Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium – UniSALESIANO/SP – sob CAAE nº 45993621.0.0000.5379 em 21/06/2021,

parecer aprovado nº 4.795.824 (ANEXO A). Após a aprovação, a coleta de dados para a entrevista se iniciou.

Antes de iniciar a entrevista foi explicitado às entrevistadas que sua participação na pesquisa poderia ser interrompida sem que isso lhe causasse prejuízo, ademais, foi dito que suas identidades permaneceriam anônimas e não seriam reveladas e o conteúdo ali trazido seria usado apenas para fins acadêmicos. Além disso, as entrevistadas foram informadas que lhes seria oferecido suporte psicológico gratuito e de caráter emergencial na clínica de psicologia da universidade, caso elas considerassem necessário. As entrevistas foram gravadas em áudio após a assinatura das participantes do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), este foi concedido às participantes em cópia.

Resultados e Discussão: elas por elas mesmas

Elis – Eu insistia em um sonho morto: sobre (viver) é melhor que sonhar – eu sei de tudo na ferida viva do meu coração na parede da memória esta lembrança é o quadro que dói mais.

Elis, mulher, mãe, esposa, trabalhadora doméstica, refere-se sua experiência com a violência durante quatro anos de relacionamento, ocorrendo todos os dias neste período. Conta-nos que sua família não concordava com o relacionamento e que as agressões ocorriam de diversas formas. Sua história parece doer como carne viva, viva como a narrativa presente nesta história.

A entrevistada começa esta trama, por vezes, desacreditando que foi ela quem vivenciou esta narrativa, que foi ela quem viveu a violência e que foi ela também quem saiu deste lugar “quando eu tenho que contar essa história, às vezes eu não acredito que... fui eu, que eu estou contando a história de outra pessoa, porque eu consegui, de certa forma, me libertar disso tudo... A única coisa que eu não consegui foi... perdoar”. Neste momento percebíamos que Elis também procurava por explicações causalistas sobre a violência sofrida, refere-se a culpa como algo que saboreou de forma amarga em suas vivências, isto se evidencia em sua fala:

Eu não acreditava que o ser humano fosse capaz de fazer tudo o que a pessoa fez e... É... Eu não consigo explicar se você me perguntar por que eu aceitei [...] na verdade, não precisa de um motivo, a pessoa tem aquilo dentro dela, né? O porquê eu não sei. Depois eu soube que o pai fazia a mesma coisa, o avô fazia a mesma coisa, então acho que era uma forma dele querer tentar, ali, colocar a ordem da forma dele, não sei [...] (ELIS).

Percebe-se que Elis a todo o momento caminha em direção a atestar o ato de violência sofrido, justificando através de explicações biológicas e culturais o motivo que a fizeram vivenciar os seus quatro anos de intermináveis violências. Nós aceitamos suas explicações pois sabíamos que esta era uma forma de se relacionar com o vivido, levando a crer que o seu marido tinha um destino determinado que o fez levar a agredi-la tal como fazia, porém, a entrevistada percebe que sua explicação não dá conta de suas vivências, de modo que finaliza com “não sei”. Esta necessidade de se explicar as vivências através de ideias causais é apontada por Heidegger (2012) como uma marca do tempo em que vivemos, onde lidamos com o fluxo de nossas existências de maneira técnica.

A gente tava andando na rua, eu não lembro o que eu falei pra ele, ele estava com um chinelo na mão e ele bateu no meu rosto, e eu tenho uma

cicatriz aqui na sobrancelha. Na hora meu rosto começou a sangrar muito e uma pessoa passou de carro, me colocou dentro do carro e ele foi junto até o hospital e ele falou que eu tropecei bati a... Não tinha como eu falar. Qualquer coisa que eu falasse ele falava “ah ela toma remédio... Pra cabeça... Ela não é muito certa... (ELIS).

A cicatriz lhe aparece como uma lembrança dos maus tempos, assim como um lembrete que não a faça voltar a viver daquela forma, se transformando em mártir, refletindo suas experiências até mesmo para suas filhas e para outras mulheres, como nos diz em um trecho da entrevista:

Para eu não deixar mais acontecer nem comigo nem com as minhas filhas [...]. O único caminho que eu via era eu tirar a vida dele. Eu pensei isso dias, só... Eu não tive coragem. E eu tinha na minha cabeça que se eu fizesse aquilo eu sei que eu ia ser presa eu não ia fugir nem nada, mas eu pensava “eu vou ser presa, eu vou cumprir a minha pena, meus filhos vão ficar com a minha mãe, vão tá bem criado, eles vão saber o porquê, e eu vou sair e vou recomeçar a minha vida” (ELIS).

Ao falar sobre a cicatriz, Elis emenda sua fala em outro ponto que nos chamou muito a atenção: a liberdade. Elis se relaciona dentro de sua liberdade como a falta de possibilidade e saídas, sendo a única possibilidade que Elis via para acabar com o sofrimento, seria matar o marido, mesmo na prisão, a vida para ela seria mais leve e livre.

Livre. Com certeza. Eu já tinha essa certeza absoluta. Presa eu estaria livre, ia libertar meus filhos daquela situação toda, era isso que eu sabia, que coisa, né? Mas foi esse ponto que eu cheguei, e consegui sem fazer... Da onde eu tirei a força eu não sei, de Deus (ELIS).

Com esta apropriação da entrevistada com suas falas, entramos em contato com o que é dito por Heidegger, com participação do psiquiatra Medard Boss nos Seminários de Zollikon (2009), em que o ser que se encontra privado de suas realizações, de suas possibilidades existenciais, ou seja, o ser está privado de sua estrutura ontológica do ser-aí, está privado de ser si mesmo. Estando privada de suas possibilidades mais próprias, por certo desconhecendo a liberdade que habita o estranhamento para além das determinações dadas no horizonte histórico que sedimenta as narrativas do mundo da mulher, Elis fala da dor da perda de uma identidade que ela parece desconhecer, que só aparece como um lugar que se perdeu, sem saber o que se perdeu.

Sim. Em vários momentos. E é muito triste, é muito triste. Você perde sua identidade, você não sabe mais o que você está fazendo ali no mundo. [...] Acho que é a pior parte, quando a gente se perde... Eu acho que é pior do que a agressão, você não saber mais quem você é (ELIS).

Neste íterim de tempo, Elis revela que queria uma identidade. Hoje, outras possibilidades se iluminaram para ela, outros modos de ser se mostraram como atravessamentos de uma história que foi retratada para além da violência:

Hoje eu consigo acreditar que existe um caminho melhor, sempre existe, e a gente tem que ser o que a gente tem vontade de ser, não adianta querer ser outra pessoa. Eu queria ser lá uma dona de casa, uma mãe e eu insistia nesse sonho, mas essa não era a realidade (ELIS).

Cássia – O mundo me desespera, o compasso do tempo me mostra: eu me tornei tristeza

Cássia nos conta do início de uma relação de filme de romance que ocorrera há um ano, mas aos poucos parece entrar em contato não somente com o romance, mas também descreve as tragédias dessa trama. Os sentimentos falados por Cássia diversas vezes na entrevista ressaltam a vida que ela levava junto ao então companheiro, ela conta como se aos poucos sua doçura tornara acidez, ela nos descreve que foi roubada. Afinal, do que Cássia foi roubada? “Então, hoje eu paro pra pensar e eu sei que não, não tinha amor ali, nunca teve, nunca existiu, era tudo...eu vivi uma mentira, eu vivi uma mentira, eu fui enganada, é isso” (CÁSSIA).

Cássia diz ter chegado a se revoltar contra a família. Segundo ela, a família não aceitava o relacionamento, decidiu por bem se afastar de sua mãe e sua irmã, pessoas que ela considera como importantes em sua vida. Cássia vivera a hostilidade em um relacionamento o qual saiu, mas aos seus olhos o mundo tornou-se hostil, duvidoso, mal. “Até hoje, eu tenho eu tenho muitos bloqueios, é... De não conseguir me abrir é, com qualquer pessoa que seja, eu tenho medo de relacionamento, não consigo me envolver com mais ninguém, eu tenho medo!” (CÁSSIA).

Heidegger (2012) fala sobre tonalidade afetivas como se fossem afinações do ser-aí no mundo. É possível ver como Cássia é afetada por sua experiência de violência e como o mundo passa a se abrir de uma forma diferente (temível) diante dela. Ela não escolhe, nem determina esse modo de aparição, mas, afetada, tenta compreender o caráter do qual o mundo se revestiu desde então.

Nesse espaço em que Cássia estranha seu modo de ser que surge em suas reflexões, se recorda com muito sofrimento, um acidente que sofrera indo a igreja: Cássia caiu da escadaria no momento em que estava tendo uma conversa com seu parceiro em que ele a insultava de diversas maneiras.

Esse cenário nos revela que seu desmaio na escadaria a fez cair em si mesma... Na real se cai, como se diz em lugares comuns, não se sobe na real como afirma Pompéia e Sapienza (2004).

Importante é lembrar aqui que “na real” só se cai, ninguém “sobe para a real”. Este movimento de descida, especialmente se há pressa para descer, significa tombo. Quando nos precipitamos “na real” porque estamos com pressa, sem preparo para a queda, estamos nos “esfolando na real”. (POMPÉIA; SAPIENZA, p. 37).

Cássia literalmente caiu na escada, como cai na dor, cai no sofrimento, cai na real:

Depois que ele saiu do hospital ele continuou me mandando mensagem me ofendendo, e ele simplesmente mandou uma mensagem falou assim “eu não quero essa vida pra mim... Acabou” e daquele dia ele me virou as costas e quando eu fui... Dar por mim eu estava sem nada, eu estava sem dinheiro, eu tinha perdido tudo porque eles me arrancaram tudo, só que eu só fui cair em si quando... Eu vi que a minha família me acolheu de volta (CÁSSIA).

Tal narrativa nos direciona à ideia heideggeriana de acontecimento apropriador; um fato a partir do qual os sentidos se evidenciam para o ser que vivencia a história, possibilitando reflexão e uma apropriação do lugar oculto e sedimentado em que está, os sentidos saltam, agora iluminados, ao passo que a compreensão se dá em horizontes mais abertos (ASSIS, 2018).

Cássia tenta buscar o compasso novamente, este re-compasso às vezes é acelerado pelo mundo da psicologia tradicional, Cássia não nos deu garantia que retornaria ao nosso encontro, mas foi possível compartilhar da liberdade que lhe fora arrancada e a tentativa de cuidado como aprisionamento por estes profissionais:

Eu tenho essa dificuldade de ir em psicólogo, psiquiatra, é, terapia, porque as vezes eu vou, até me sinto bem, mas de repente eu falo [...] “não, eu não vou mais”, minha mãe fala “volta Cássia, você precisa” não, eu não preciso, é... eu vou lá para que? [...] Do nada e se eu falo, não, não adianta você tentar, não adianta, porque parece que quanto mais você tenta mais eu falo, “não vou, não é pra ‘mim’ ir, ela está mentindo, ela está me enganando (CÁSSIA).

Rita – Ela sangrou vinte e cinco dias a sua escolha, ela sangrou uma vida, o que eu podia fazer afinal? “Eu tô viva”

A nossa última entrevistada foi Rita. Rita é uma mulher de 52 anos que nos apresenta a história de um relacionamento que durou entre quatro a cinco anos. Ela diz que após as agressões a polícia foi em sua residência, ambos depuseram um contra o outro e recentemente ela recebeu uma intimação para depor logo mais, sendo assim, o caso de Rita está em tramitação na justiça. Rita dissipa sua história, usa do humor como arma que se contrapõe à dor descrita em sua fala, estes dois elementos caminham juntos, Rita abre as cortinas de sua vida para nós, passeia entre medo, sofrimento, ironias, lembranças, memórias, vida, morte.

Rita nos revela uma relação que sempre fora embebida por uma atmosfera de temor, mesmo antes do casamento: “antes do casamento eu estava morrendo de medo já”. Rita se casou e o medo a acompanhou em sua procura por uma vida de casada, este era seu sonho, mas nos conta que não parecia ser o mesmo sonho que o dele, seus compassos se mostraram diferentes.

Foi horrível. [...] Eu sempre falei, falei “porque está fazendo isso?” né? “não faz isso”. Mas quando eu via, já estava lá naquela situação. Tinha que ficar ali, esperando Deus tocar o coração dele para que ele é... Lembrasse do começo, como foi bom, né (RITA).

Os dias foram passando, Rita temia despertar a fúria física do marido, parecia viver na ponta dos pés, cuidado até mesmo para respirar. A entrevistada aceitava diversas situações que foram retratadas durante sua fala, ele desorganizava o que estava organizado, desarrumava os móveis, quebrava tudo o que Rita havia construído, como um castelo de areia, ele estava demolindo. Rita tinha medo de olhar.

[...] tinha uma vez que eu saí correndo e quando eu voltei estava tudo quebrado no chão, eu saí pra fora, tudo quebrado no chão, aí eu ia falando devagarzinho o nome dele, e fui chamando devagarzinho... “sai que eu não quero saber!”, “meu deus...” eu ficava um pouco de longe. [...] (RITA).

Seu então marido não se contentava com os descompassos vividos entre ele e Rita, foi aí que Rita relata que ele começara a limitá-la dentro das quatro paredes, criava maneiras de impedi-la de se alimentar e se higienizar, além de refutá-la nos momentos em que ela era chamada para trabalhar. Rita relata dias de restrições.

[...] não podia tomar banho, não podia pôr outra roupa, por causa dele, por causa de pirraça dele, porque ele desligou a luz, ele desligou a água, eu tive que ficar conversando com ele, conversando não, implorando pra ele até uma hora pra ele ir lá ligar a luz [...] (RITA).

O sofrimento de Rita se expandiu nos vinte e cinco dias vivenciados por ela, sangrando o fim, sangrando sua escolha, sangrando o medo represado. Um modo de ser no mundo que se fecha para que um outro possa se abrir à novas possibilidades e sentidos. Pompéia e Sapienza (2004, p. 52) refletem sobre os sentidos da palavra desfecho, um deles parece se aplicar aqui: “Há, porém, um terceiro sentido para esta palavra, e aqui o curioso está na pergunta: porque chamar aquilo que fecha de desfecho – des-fecho? É que desfecho, ao mesmo tempo que encerra, fecha, também é abertura.”

Tendo isso em vista, Rita reflete sobre o fim:

O que eu ganhei? Ele pisou tanto aqui, mas tanto, que eu fiquei vinte e cinco dias descendo o que não tinha descido, que não descia mais nada pra mim, eu tinha entrado na menopausa, ficou vinte e cinco dias, eu lembro, um dia atrás do outro, descendo, aquela penca de sangue, e descendo, descendo, descendo [...] (RITA).

Rita se vê estranhando o modo como seu ex-companheiro começara a agir, para ela a relação se apresentava assim, um elogio não aparecia como um elogio, uma tentativa de cuidado por parte dele não aparecia como apenas um cuidado, para ela a atmosfera era de medo. Como já foi dito acima, Heidegger (2012) fala sobre a atmosfera do temor onde tudo aparece como temível. Rita revela não conseguir dormir com alguém que não confia. “Nunca bebi nada que ele fez, nada. Comecei a ter medo até disso dele. O cara desligava a luz e ainda me dava um suco pra “mim” beber [...]” (RITA).

Rita, depois de vinte e cinco dias após o término do relacionamento, reencontra seu ex-companheiro, muita coisa se havia ido, como se sangrasse a cegueira que lhe tomava conta antes. Ela volta outra, ele a estranha. Ele está do mesmo jeito, tal como dito por ela “chinelo e bermuda desfiada”, revela que chorou com uma amiga. Este foi o rito final, rito de passagem, o desfecho, o fim que abre para a compreensão e para um novo começo (POMPÉIA; SAPIENZA, 2004)

Rita nos apresenta caminhos, como quem se vê em uma estrada e se depara com diversos caminhos possíveis, Rita não queria retornar ao lugar que a distanciava de si, nestes momentos, ela enxergava tantos mundos possíveis que a fazem entrar em contato com a dúvida, nosso acompanhar enquanto psicoterapeutas neste método ressalta exatamente isso, a possibilidade de abrir caminhos para a dúvida, a certeza nos engessa. Rita nos apresenta a dúvida, antes suas “coisas” ainda estavam lá, agora já não mais estão, apenas a memória de um tempo que se viveu, agora Rita nos fala que suas “coisas” estão em outro lugar, tal como sua memória de anos violentos.

Conclusão

Falar sobre a violência contra a mulher requer que deixemos de lado a precipitação que o mundo da técnica insiste em nos mostrar. Por muitas vezes, o contexto da violência é explicado através de causas, sinais e justificativas na esperança de que, com estes sendo identificados e imediatamente eliminados, a violência contra a mulher deixaria de existir e seria facilmente domada. Com isso, surgiu a necessidade de olhar para este cenário partindo de um viés que procura direcionar-se ao relato íntegro da pessoa que sentiu na pele a experiência de viver relacionamentos violentos.

A partir da pesquisa aqui produzida, viu-se que a mulher perpassou e perpassa por caminhos que muitas vezes são árduos, apesar de muitas conquistas terem sido alcançadas, lutas enfrentadas e estereótipos quebrados. A vivência feminina ainda possui grandes pontos engessados que acabam por serem fadados ao objetivismo, encobrendo o Dasein. Sendo assim, neste trabalho, buscou-se olhar para o fenômeno de forma a compreender os sentidos presentes nas narrativas de quem o vivencia, afastando-se de ideias positivistas, causalistas e patologizantes e indo em conjunto ao que chamamos de método fenomenológico-existencial, buscando deixar vir o que se mostra, de modo que isso contribuísse para a quebra do tecnicismo presente nos estudos pautados na psicologia tradicional.

Ao ouvir as histórias das entrevistadas, observou-se, então, que nenhum relato se repete, pelo contrário, cada vivência se mostrou como única e pessoal, revelando como cada uma das participantes associou o que viveu. Não só isso, mas também foi visto que o Dasein reserva o lugar da escolha na sua condição de poder-ser, escolher permanecer ou escolher novos ares. Este estudo possibilitou às pesquisadoras a compreensão de que, apesar de haver abordagens que trazem uma certeza aos fenômenos, é possível se desviar disso e olhá-los com menos determinismo e mais autenticidade. A pesquisa também trouxe a ampliação do conhecimento sobre mulheres e relacionamentos violentos, contribuindo com a comunidade científica. Posto isso, salienta-se a importância da abordagem fenomenológica como lugar para se olhar, uma vez que, vivendo no mundo atual, a humanidade se vê limitada a seguir conceitos prévios que acobertam a liberdade humana, pois, é preciso acolher pessoas em vez de transtornos, distúrbios, causas, sinais e explicações.

Sobre o artigo

Recebido: 20/03/2022

Aceito: 17/04/2022

Referências bibliográficas

ASSIS, A. S. de. **HISTORICIDADE E CLÍNICA**. Contribuições para o método fenomenológico-hermenêutico na Psicologia. 2018. 218 f. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2018. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-01042019-100523/publico/assis_do.pdf. Acesso em: 01 de ago. 2021.

BEAUVOIR, S. de. **O Segundo Sexo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, dez. 2012. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em 08 dez. 2022.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, abril. 2016. Disponível

em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em 08 dez. 2022.

CRITELLI, D. M. **Analítica do sentido**: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

HEIDEGGER, M. **Seminários de Zollikon**. Editado por Medard Boss. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Tradução de Fausto Castilho. Campinas, SP; Rio de Janeiro, RJ: Editora da UNICAMP: Vozes, 2012.

MARQUES, J. L.; SANTOS, J. L. Mapa da Violência contra a Mulher. **Revista da câmara**. Brasília-DF, p. 7, 2018. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividadelegislativa/comissoes/comissoespermanentes/comissao-de-defesa-dos-direitos-da-mulher-cmulher/arquivos-deaudio-e-video/MapadaViolenciaatualizado200219.pdf>. Acesso em 23 jan. 2021.

NUNES, A. P. **O estágio de atendimento nos anos iniciais: experiência com plantão psicológico**, 2015, 139f. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

POMPÉIA, J. A. e SAPIENZA, B. T. **Na presença do Sentido**: Uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas. São Paulo: EDUC/Paulus, 2004.

SOUZA, L. R. A; LEAL, I. F. A; SÁ, R. N. Atitude fenomenológica e psicoterapia. **Revista IGT na Rede**, v.7, nº 13, p. 223-245, 2010. Disponível em: <http://igt.psc.br/ojs3/index.php/IGTnaRede/index>. Acesso em: 17 de ago. 2021.